

Kaito

reze por uma boa morte

Bruno Crispim

Tokyo / São Paulo / Seoul

KAITO

REZE POR UMA BOA MORTE



BRUNO CRISPIM

1ª EDIÇÃO

Bruno Crispim

Copyright© Bruno Crispim, 2021

Crispim, Bruno

Kaito: reze por uma boa morte

1ª Edição

Revisão de Texto | Maria Luiza Vanz

Capa | Rafael Crispim e Fasel Barros

Bruno Crispim – São Paulo: 2021

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema, sem permissão expressa do autor.

Aviso

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico, ou por qualquer tipo de armazenamento ou sistema seja ele eletrônico ou impresso, sem permissão expressa do autor.

Apesar de todas as formas de verificação feitas para checar as informações contidas neste e-book, não é de responsabilidade do autor quaisquer erros, omissões ou interpretações contrárias aos temas aqui contidos.

Esta obra é exclusivamente para entretenimento e não deve ser tomada como instrução ou comando. O leitor é responsável por suas próprias e exclusivas ações e compreensões.

O autor não assume quaisquer responsabilidades sobre quaisquer ações resultantes da leitura deste material.

Quaisquer menções a indivíduos ou marcas são meramente ilustrativas.

à deusa Diana

sua vinda nos traz aventuras incríveis

não vejo a hora de você andar por esse mundo

todo ele é seu

minha pequena assassina recorrente

Você está vendo aquele garoto muito bem apessoado no meio da rua, rastejando no asfalto? Aquele ali, todo ensanguentado, com a sua camiseta da sorte que já não é mais verde. Metade da orelha esquerda faltando. A perna direita virada no ângulo errado. Ambos os tênis omissos. Um caminho de sangue o seguindo. Aquele ali, implorando pela ajuda da avó, ou da prima ou de qualquer um, por entre os dentes travados de desespero. Está vendo ele?

Pois é, esse aí sou eu, Kaito Mupara Yukimura. Ou só Kaito.

Essa é a antiga e menosprezada versão de mim mesmo. Não em um dos meus melhores dias, é verdade. Mas, definitivamente, não no meu pior.

Eu sei. Me vendo agora, tantos anos depois do apocalipse, você não imaginaria que eu comecei de baixo. Pelo contrário. Você diria que eu sou o filho de alguém importante, nascido com o famigerado talento. Olhos estreitos e vigilantes de um grande samurai. Corpo robusto e valente de um herói Zulu. Um guerreiro nato.

De forma alguma. Não tive berço de ouro. Eu comecei do mesmo buraco que você. Na lama e na loucura, como qualquer *azul*. Zero privilégios. Sem qualquer poder ou habilidade além da nossa maldita imortalidade.

A jornada não foi fácil. Morri pela primeira vez ainda uma criança inocente de vinte anos. Eu precisei de muito empenho, de muita garra, de muito heroísmo para conseguir me destacar neste mundo infestado de gente. E precisei de muita sagacidade também. *Aprenda rápido. Se possível, com o erro dos outros* – é o que eu sempre digo. Tudo bem, eu nunca digo isso. Mas continua sendo verdade.

Mas não coloquemos a carroça na frente dos bois.

Olhe bem para esse pobre eu franzino. Ainda sem saber lidar com as minhas mortes. Depois do fim do mundo, morrer é algo corriqueiro. Revivemos sete horas depois. Prontos para sermos assassinados outra vez. E essa aí será a minha sétima. É uma morte importante. Separa as crianças dos monstros.

Presta atenção. Olha bem para ele. Para mim.

Agora!

O exato momento em que ele molha as bermudas. Uma bexiga de respeito, diriam. Mesmo nessa confusão de sangue e de sujeira, é inegável para qualquer um o que acabou de acontecer.

É trágico. A pouca dignidade que eu guardava com ternura se esvaiu. Mas é um pouco engraçado também. Não? Eu acho. Com o passar dos anos, vai ficando melhor. Eu te garanto.

— Droga, Sayuri, me mata logo! — Eu grito.

Sayuri é aquela garotinha de seis anos de idade que vem devagar, tomando o seu tempo, sorrindo ao pular em um jogo de amarelinha imaginado. Em um primeiro momento, você poderia acreditar que essas duas pessoas não fazem parte do mesmo espetáculo. Que ela não é o monstro mais sanguinário que eu conheço. Que não é um algoz obcecado por mim.

Abra o olho, criatura. Repare a faca na mão da menina. Olhe para o sangue pingando da lâmina – o meu sangue! Para a sua pele levemente azulada. E, faça-me o favor, atente para o chiclete que ela prende entre os dentes e estica com a mão.

Então, não é um chiclete. É a minha orelha esquerda.

Bom, eu sei que você não tem informação decente por aqui. Você nasceu há pouco tempo, bem depois da *Catástrofe*. E viveu sempre dentro dessa reserva, conhecendo pouquíssimos *azuis* na vida. Exatamente por isso você deveria prestar mais atenção no que eu estou te mostrando. Pode ser a diferença entre a vida e uma morte bem lenta e excruciante. Fora que é uma história incrível! Você vai adorar, eu te prometo.

Bem, a pele azul já deveria deixar claro que ela não é mais humana. Com os pequenos chifres nascendo em sua testa e a cauda preta furando seu uniforme escolar, não há dúvida: ela é uma *azul*.

Observe a mão de Sayuri com mais cuidado. Ela não está segurando uma faca. Essa lâmina é uma das suas garras.

O corpo dela, como o de todo azul, vai mudando, evoluindo. A pele e os ossos endurecem. Um chifre aparece. Ou um espinho. Ou um ferrão. Ou uma glândula que produz veneno letal. Se você tiver muita sorte, pode ganhar um par de asas. Vai por mim, agora que os elevadores não funcionam, voar faz toda a diferença.

A gente vai se adaptando ao ofício a cada vez que tira a vida de alguém. Aliás, o termo politicamente correto é *coleccionar almas*. Para amenizar um pouco toda essa carga negativa que o assassinato recorrente traz.

Nessa época, a bandidinha já tinha quase mil almas de força. Não é de se espantar que ela tivesse garras tão grandes. Mas, depois eu explico melhor a mutação constante dos azuis e essa coisa de coleção de almas. Vamos voltar para o mais importante, para a minha história.

Apesar de a minha autoestima estar negativa, eu não estava morto ainda. Quem sabe se eu chamasse a atenção dela para outra vítima, alguém com mais almas, eu não conseguiria fugir enquanto o pobre coitado fosse devorado no meu lugar.

Eu acelero o meu rastejo para uma loja onde, eu sabia, um casal de vivos velhinhos se escondia. Acredite em mim, não existe um único azul neste mundo que ignore a deliciosa carne viva temperada pelo tempo. Menos eu, obviamente.

Eles eram amigos da minha avó e costumavam ir todos os dias jantar no restaurante dela. Antes de tudo isso, eram donos de uma loja de cerâmica tradicional japonesa. Todos os bules da minha avó eram de lá.

Ok. Não foi muito nobre da minha parte. Mas a vida durante o apocalipse não é o que se possa chamar de justa. *Sobrevivência do mais apto*, foi o que disse aquele moço barbudo. Duvido que ele tenha sido um dos poucos que foi para o Céu. Não tem ninguém que preste por lá.

Subi a calçada ainda deitado. Braçadas lentas e largas. Nada de movimentos bruscos para não chamar a atenção de Sayuri para o meu plano.

Ajoelhei no portal da pequena loja abarrotada de vasilhas, me preparando para atravessar o vidro da porta. Quatro olhos arregalados viam a minha aproximação por entre as hastes da persiana. Vivos ainda, como eu suspeitava.

Eles não podiam fazer nenhum barulho. Pelo meu estado, sabiam que tinha um azul mais forte no meu encaço. Só balançaram a cabeça de olhos e bocas arregaladas. A velhinha uniu as mãos em uma súplica. Partiria o coração de uma pessoa sensível. Mas não sobraram tantas delas no mundo. Nenhuma delas nessa rua deserta. As pessoas do bairro aprenderam cedo a fugir de Sayuri.

Eu me levantei e inspirei com selvageria e corri a passos tortos, mas firmes. E pulei na porta. Toda velocidade à frente. Ombro primeiro. A careta vitoriosa pronta. Boca já salivando por uma mordida antes da fuga definitiva. Uma mão para viagem. Quem sabe um braço. Do velhinho mesmo, que estava mais perto.

A porta tremeu, tremeu, mas não quebrou. O ombro, eu já não sei. E a ilusão de uma fuga se espatifou.

Recuei três passos e corri novamente. Por puro desespero. Mais uma vez, não fui forte o suficiente. Não fiz a mínima rachadura naquele vidro. Devia ser blindado. Só pode.

Sayuri estava a duas passadas de distância, rindo de mim. Foi a vez dos meus olhos implorarem por minha vida. Apontei para a vitrine com a cabeça, mas o casal de velhinhos tinha se escondido lá dentro. Rabanetes, cenouras e batatas jogados na frente da porta para disfarçar o cheiro de carne humana. Malditos covardes.

Sayuri dá um passo na minha frente. Devagar para aumentar o meu medo. Essa desgraçada gosta de torturar a gente antes de matar. Diz que a carne fica mais gostosa.

— Sayuri, eu vou ter uma conversinha séria com a sua mãe! — me levanto com dedo em riste — Ela não vai ficar feliz de saber que você tentou roubar a minha alma de novo. Vá caçar outras pessoas e me deixe em paz.

— Mamãe está morta — ela diz irritada. — Ela e o papai gritaram comigo, aí eu matei os dois.

Eu estou te falando, eu sou uma pessoa que sempre alimenta mais esperanças do que deveria. Contudo, quando uma menininha de seis anos não sente um pingão de remorso ao matar os pais, nada sobra.

Depois daquilo, eu me sentei na calçada. Não há por que rastejar ou mesmo correr para longe. Nem razão para tentar chamar a minha avó, que conseguia acalmar Sayuri. Ou a minha prima, que talvez pudesse matá-la.

Parei de esperar por uma solução milagrosa. Ela não me deixaria ir embora. Me perseguiria até me matar. Ou até sua própria morte.

Eu, o seu novo brinquedo. O rato de um gato sem escrúpulos.

Quando as garras de Sayuri subiram, me virei de costas e ruminei sobre as suas razões pela primeira vez.

Não acredito que ela entenda a dor que está causando ou o medo que eu estou sentindo. Ela é apenas uma criança. Acabou de fazer seus seis anos. Talvez, todo esse caos do final dos tempos seja um sonho para ela. Para mim, é um pesadelo.

Eu não vou mentir para você. Naquele instante, eu adoraria arrancar a sua orelhinha azul e a mastigar de boca aberta, bem na sua frente, olhando nos seus

olhinhos pretos, um pouco antes de esganar aquela gargantazinha fina e cheia de escamas.

Só que ela não passa de mais uma das tantas vítimas dessa catástrofe. Todos nós somos. *Vivos e azuis*. Se os nossos caminhos não se cruzarem novamente, não vou guardar nenhuma querela.

Não faria um voto de vingança por ninguém. Vingança e honra não são úteis neste mundo de sangue e desespero. A única coisa que você deve cobiçar é a misericórdia do seu assassino.

A melhor coisa a se fazer é rezar por uma boa morte.

nove meses antes da sétima morte

— Senhoras e senhores, aqui é o seu capitão falando. Sejam bem-vindos a bordo do voo AC036 com serviço de Toronto à Tokyo, sem escalas.

O piloto continua falando em sua voz mecânica. Paro de ouvir em “sem escalas”. Mais treze horas preso em um avião é demais para mim. Adicione isso às oito horas anteriores no voo do Rio de Janeiro à Toronto, às duas horas que esperei no Pearson – o aeroporto canadense – e as outras três que eu fiquei esperando no Galeão, ouvindo os sermões do meu pai e o choro da minha mãe. Mais de um dia inteiro viajando para o fim do mundo – do meu mundo, pelo menos.

Deixei a minha vida para trás. O início de uma carreira de sucesso. Faculdade. Todos os meus três amigos. E uma pessoa especial. Daquelas que, com sorte, você encontra uma na vida. Fui obrigado a abandonar tudo. Trouxe só o meu computador e uma mala com as roupas que minha mãe escolheu para mim. Não houve tempo para despedidas. Não fosse mamãe, eu tinha deixado a minha blusa da sorte no cesto de roupa suja.

E ainda tive de ouvir que essa era uma oportunidade única de eu aprender a ser responsável.

— Então eu vou ser mais responsável fugindo dos meus problemas, é isso pai? — perguntei antes de sairmos de casa.

Você precisava ver como a cara dele ficou vermelha. Fechou as mãos tão forte que elas tremiam. Se esticou todo para ficar mais alto, para me intimidar. Para cobrir os vinte centímetros de altura que nos afastavam.

Seus dentes pareciam que iam ser enterrados na gengiva. Quase não dava para ver os seus olhos. E é quando só dá para ver uma listra fina do branco dos olhos que ele está para explodir. Faltava pouco para a boca espumar.

— Moleque, não me teste! — ele gritou.

— Hiroshi, não piora as coisas — intervém a minha mãe antes que ele me dê seus últimos cascudos, como uma despedida. — Tudo isso já não está sendo ruim o suficiente?

Ele anda olhando para baixo. Dá uma volta em nós dois. Irritado demais para ficar parado. Cabeça dura demais para se acalmar.

— A culpa foi minha. Toda minha! Eu deixei a tua mãe te mimar. Aí, você não criou juízo. Um tempo com a tua avó vai te fazer entender que a vida não é uma festa — foi o que me disse ao jogar no meu peito a passagem só de ida para longe da sua casa. — Use esse tempo para pensar no que vai fazer da vida. E só volte quando conseguir se sustentar.

Não, obrigado, papaizinho do meu coração. Eu vim preparado. Procuro as pílulas cor-de-rosa guardadas em um bolso escondido no fundo da minha mochila. É um remédio para enjoos fortes e para labirintite que eu comprei de um amigo que está fazendo veterinária.

Para falar a verdade, o Russo comprou na farmácia da esquina de casa. E nem precisou de prescrição médica. Eu pedi para ele porque estava trancado dentro de casa e o meu pai só toma remédios em caso de vida ou morte.

Eu o tirei da cartela, embrulhei em papel alumínio e escondi na mochila, só pela possibilidade de um funcionário achar que era droga e me impedir de entrar no voo. Duvido que o meu pai pagasse outra passagem. Ele não é do tipo que gosta de gastar.

O pior é que um funcionário brasileiro achou o papelote. Estava tenso. Pronto para me prender. Mas quando viu o “B6” gravado nos comprimidos, riu de mim e me devolveu.

— Minha mãe disse que um já está bom para várias horas.

Foi o que Russo me disse por mensagem, depois de passar a cartela por debaixo da porta. E foi assim que eu me despedi de um dos meus três únicos e grandes amigos. Com os outros dois eu não tive essa sorte.

Tomo três comprimidos para garantir que vou dormir até chegar ao Japão.

O avião decola e eu coloco os fones de ouvido. Dou *play* em um filme, mas o coloco no mudo. Só para não ficar preso na história e ter de esperar muito para que a minha consciência desligue. Robôs alienígenas gigantes contra dinossauros zumbis. Muita explosão, carnificina e falta de lógica. O material certo para escapar do meu confinamento.

Quinze minutos depois, quando o fóssil de um Tiranossauro Rex desperta em um museu – obviamente em Nova Iorque – as imagens começam a se fundir com um sonho acordado. Agora todos voam e querem abater o avião em que estou. Não sei quem vai vencer a disputa, os robôs gigantes, os dinossauros ou o meu pai. Fecho os olhos quando um dinossauro é derrubado e vai cair em cima de mim.

É quando o suor frio encontrou a náusea. Minha força desaparece imediatamente, e eu não sei se tenho energia para respirar. Minha mente apaga.

Em um momento, estou inventando frases para as personagens. No momento seguinte, o filme já acabou e estou tentando correr para o banheiro, sendo impedido pelo cinto de segurança. Me solto e tento me levantar de novo. Meus joelhos se dobram em um *eu acho que não*.

Eu me sento pela segunda vez. Talvez o meu vizinho esteja me olhando irritado. Ou preocupado. Ou talvez não tenha ninguém sentado do meu lado. Não tenho certeza, o rosto dele está embaçado.

Concentro as minhas últimas forças para me levantar e ir babando e tropeçando até o banheiro, onde apago imediatamente. Porta e olhos abertos. Vendo, mas não sentindo, a minha mãe vestida de aeromoça dar tapas no meu rosto enquanto tenta me reanimar.

E foi assim que eu quase morri um mês antes do apocalipse.

Aposto que você ainda não se deu conta das consequências de uma morte em pleno voo. Ainda mais, no meio do mar. Não é culpa sua. Talvez, você nem tenha ouvido falar do que é um avião.

Permita-me elucidar essa questão.

Muita coisa mudou depois do apocalipse. O Criador nos abandonou e levou os merecedores com ele, para o Céu – mas foram tão poucos que isso é irrelevante. Além disso, nossas tecnologias mais avançadas pararam de funcionar. Doenças e envelhecimento desapareceram. E a nossa pele ficou azul.

Por fim, quem continuou na Terra ganhou o *presente* da imortalidade. Quer dizer, ainda podemos morrer. Mas, quando isso acontece, renascemos no lugar da nossa primeira morte. Como se nada tivesse acontecido. Como se tivéssemos ganhado um cogumelo verde, se isso fosse um Super Mario Bros.

Caso tenha morrido em casa, sete horas depois, você retornaria ao conforto do seu lar. Se morreu em uma estrada, volta no meio da viagem. Se bateu as botas na mesa de cirurgia de um hospital antigo ou grande, você vai renascer com companhia.

Parece incrível. O sonho da vida eterna enfim conquistado. Bom demais para ser verdade, não?

Já imaginou o que aconteceria se você morresse dentro de uma aeronave voando?

Quando o Armagedom começasse, você renasceria a milhares de metros do chão. Ainda sem entender o que está acontecendo, você despencaria para a sua nova morte. Sete horas depois, renasceria e mais uma queda. Mais sete horas e você despenca para a morte outra vez. Em um dia, você morreria pelo menos três vezes. Pontualmente.

Se tivesse morrido neste avião, eu ainda estaria preso nesse ciclo infernal. Seria o verdadeiro castigo eterno. Até existem coisas piores, mas são poucas. Bem poucas.

Graças ao Criador que eu só tive uma alergia severa. Depois que vomitei diversas vezes e que algum estranho me fez massagem cardíaca e respiração boca a boca, estava novo em folha. E ainda fiquei cansado o suficiente para dormir o voo inteiro, mesmo tendo desperdiçado o remédio.

— Minha Nossa Senhora! — diz o eco da voz da minha prima no saguão, quieto demais, do aeroporto de Tokyo. — Pensei que você nunca ia sair desse avião.

Ela está segurando uma folha de papel com o meu nome. Como se eu fosse esquecer da sua cara de fuinha. Mas acabou perdendo o ânimo de levá-la quando eu finalmente apareci.

— Te fiz esperar muito, Ayka?

— Só três horas — diz acenando para a cadeira de rodas em que estou sentado. — Mas não é como se fosse culpa sua, não é?

Eu tento me levantar, mas o funcionário da companhia aérea empurra o meu ombro e eu caio de volta na cadeira. Ele recita dois *sumimasens* (desculpas) e meia dúzia de *arigato* (obrigado), o resto eu não entendo. Mesmo filho de japonês, o meu entendimento do idioma não vai além das poucas palavras que aprendi com Naruto.

O cara até sorri, mas é uma careta esticada que falha miseravelmente em esconder a irritação. Estou começando a acreditar que sua generosidade inicial está um pouco abalada pelo incidente do vômito na sua camisa.

E pensar que a gente teve um momento tão bonito quando ele foi designado para tomar conta de mim no avião. Quando três das aeromoças estimaram que eu

não havia mais nada para abandonar do meu corpo e me deixaram com ele para trocar seus uniformes.

Acabou que golfei no uniforme dele também. Só um pouquinho no seu ombro. Ele ficou chateado. Só tinha aquela roupa limpa e passada.

Como eu não estava mais correndo risco, tivemos que esperar todos saírem do avião para os socorristas me buscarem. E ele ficou mais duas horinhas me esperando na enfermaria do aeroporto. De tempos em tempos, entrava. Sempre olhando para o seu pulso. Preocupado com o meu horário, imagino.

Besteira dele. Se eu piorasse um pouquinho mais, acabaríamos pousando em algum lugar no meio do caminho. Ou voltaríamos para o Canadá. Aí, sim, ele estaria atrasado.

Ayka pega a mala do meu colo e anda do nosso lado, enquanto sou empurrado até o elevador. Ela está tão feliz quanto o bom rapaz.

— Tem como você falar para ele que eu estou bem? — peço, para evitar que eles unam seus descontentamentos e façam alguma coisa drástica comigo.

— Tem certeza? Eu não consigo te carregar não, hein! Você deve pesar umas duas toneladas.

— Nem vem com essa. Meu peso é normal para o meu tamanho. Você que é pequenininha do tamanho de um... — paro, arrependido. Era assim que eu a deixava transtornada quando éramos adolescentes. — Pode dizer para ele que eu estou bem.

Quando saímos do elevador, ela fala alguma coisa para ele. Ele a ignora e continua me empurrando. Ayka corre e se coloca à nossa frente. Fala um japonês violento com ele. Cheio de *arigatos* raivosos. E de sorrisos.

Ele abaixa a cabeça em silêncio para ela. E se vira para mim. Diz algo como *sumimasen* e dobra o seu tronco quase noventa graus. Quando se levanta, a raiva passou. Eu levanto com cuidado e ele puxa a cadeira para longe antes que eu possa conferir se as minhas pernas conseguem me suportar.

Foram as desculpas forçadas mais sinceras que eu recebi na vida. Mas eu acredito que somos inimigos mortais a partir de agora. Se isso acontecesse no Japão feudal, eu já teria sido decapitado.

— Olha, não é fácil irritar alguém no Japão — diz a minha prima balançando a cabeça. — Você está de parabéns, hein?

Dou o meu primeiro passo. Fico tonto, então, paro. Sorrio para ela para que não perceba.

— Aykazinha, você não vai acreditar. Parece que um passageiro do meu voo passou tão mal que a tripulação teve que ficar esperando ele ser examinado para sair. Ele teve até que fazer um teste toxicológico. E me disseram que a gente quase que teve que fazer um pouso de emergência. Só não fizemos porque estávamos no meio do oceano quando ele estava pior.

— É mesmo? E quem seria esse vacilão? — ela franze o cenho, e eu sorrio.

À nossa volta, todos me olham. Uns com pena, uns irritados e outros que dariam o braço direito para me matar devagar.

Eu sou a celebridade do voo, do aeroporto. Pelo visto, a fama realmente traz muita inveja. E nem dá para me esconder, já que sou o único negro no aeroporto. E sou bem mais alto do que qualquer outra pessoa por quem passei. Fora a cara de defunto assustado.

— Não faço ideia. Mas acho que ele está mais para um pobre coitado.

— Esquece — diz pegando a minha mala e minha mochila. — Deve ter sido um péssimo voo mesmo.

O alívio do peso me permite dar passos lentos. Ela finge que não repara, mas diminui a velocidade para ficar do meu lado.

— Para mim, foi normal. Tomei remédio para dormir e só acordei bem depois que o avião pousou.

— Eu estou vendo. Você nem está parecendo um zumbi...

— Ei! É assim que você fala de mim depois de três anos sem me ver?

— Ah, cala a boca e acelera que o próximo trem sai em dez minutos — ela dispara, estanca, vira e volta. — Você tem dinheiro para a passagem?

— Minha mãe me deu uns dólares e 20 mil ienes. Dá?

Parece muito. Mas eu suspeito que não seja, já que foi o meu pai quem comprou.

— Ótimo, então você paga o meu tíquete também.

O QUE VOCÊ ACHOU?

Se você gostou dos primeiros capítulos de **Kaito: reze por uma boa morte** eu tenho uma ótima notícia para você!

O livro completo está disponível na Amazon com **descontão de lançamento**.

E você pode **ler todo ele de graça** se for assinante do Kindle Unlimited!!!



[clique aqui para continuar lendo](#)